

# Boletim de Ocorrência



Por  
Celito De Grandi

Ø15

## A morte gravada em áudio



José Resem

Há quase 25 anos, um detetive particular era assassinado em seu escritório no centro da Capital. Este é o 15º caso da série que lembrará, aos domingos de 2012, histórias enigmáticas

### O crime

**Vítima:**  
José Paulo Machado Resem

**Época do crime:**  
Agosto de 1987

**Cidade:**  
Porto Alegre

**Principal suspeito:**  
Não identificado

**Motivação:**  
Incerta

“Nós somos os olhos que veem o que você não vê, informamos o que você precisa saber e guardamos o sigilo que você merece.

Desfalques. Adulterios. Contraespionagem industrial e comercial, etc.”

Era assim, com toda a pompa, que José Paulo Machado Resem anunciava nos jornais o endereço de sua agência de detetives, uma das mais movimentadas do gênero em Porto Alegre, nos anos 80.

E como é prática usual entre investigadores, acionava o gravador para registrar todas as conversas, incluídas as de caráter pessoal.

Na última delas, gravou seu assassinato.



Durante aquela quarta-feira, um homem que se dizia de nome Santiago, vindo de Uruguai, telefonou várias vezes para o escritório de Resem: sua pretensão era contratá-lo para descobrir o paradeiro da mulher que teria fugido para a capital do Estado.

Isso tudo ele disse à secretária, Isabel, porque houve desencontros com o detetive. Também perguntou se Resem trabalhava até mais tarde e fez outras indagações de caráter pessoal. Mas Isabel não disse tudo, nem mesmo que ele morava ali, no próprio escritório.

Por volta de 20h, o detetive avisou à secretária que o esperavam para jantar, mas logo estaria de volta e à disposição do possível cliente da fronteira. Deixou também um recado para o porteiro do edifício Ouvidor, na Rua dos Andradas, no centro da cidade.



O telefone do escritório de Resem tocou com insistência às 2h da madrugada fria de 6 de agosto de 1987, quinta-feira. A secretária morava num apartamento do quinto andar do mesmo edifício e possuía uma extensão daquele número. Acordou com o tilintar do aparelho e, quando resolveu atender, quem estava do outro lado da linha desligou, ao ouvir a voz da moça.

Muito estranho. Isabel foi à janela e estranhou ainda mais ver acesas as luzes do escritório, um andar acima.

Foi até lá e o detetive estava caído de bruços. Imaginou um mal súbito mas, ao virar o corpo, viu um filete de sangue na sua boca. Estava morto, com um tiro no coração.

Durante duas horas, policiais da Área Judiciária, do Instituto de Criminalística e da Delegacia de Homicídios recolheram farto material para investigar: anotações esparsas, um fichário de clientes e cinco dezenas de fitas com gravações, inclusive a da última conversa. Depois de uma discussão, ouve-se o tiro, disparado quase com certeza da arma do próprio detetive. Ele tinha por hábito deixar o 38 sobre a mesa, dentro do coldre. Restou apenas o coldre, o assassino levou embora a arma.



**Secretária**  
relata aos policiais como encontrou o chefe morto



E a partir do dia seguinte seriam ouvidas oito pessoas que atuavam no escritório, a maioria detetives.

Parecia ser um caso de fácil solução.



O trabalho policial revelou, aos poucos, outra verdade da vida de Resem, muito diferente do anunciado nos jornais.

Os métodos de trabalho não seguiam a prática habitual: em primeiro lugar, examinavam-se as possibilidades econômicas do cliente e do investigado.

Aos clientes de poucas posses, era enviado um relatório sem consistência. Não cabia perder tempo com buscas.

Os detetives só saíam a campo se houvesse a perspectiva de um bom dinheiro. Ao final da investigação, apurado algum deslize de alguém, este era o primeiro a ser procurado. As provas, na maioria das vezes, acabavam entregues mediante o pagamento de uma quantia vultosa. E ao contratante se dizia que nada fora encontrado.

Chantagem pura.



Homem de muitas mulheres, também a vida pessoal de Resem era complicada. Já havia sido casado, agora estava noivo. Ao mesmo tempo, teve um relacionamento com uma funcionária que o deixou depois de descobrir que outra colega, detetive, também estava tendo um caso com ele.

A fita com a gravação da sua morte acabou frustrando as expectativas da polícia: tinha péssima qualidade, havia uma TV ligada, ao fundo. Foi enviada a um laboratório especializado, em São Paulo, para limpá-la dos ruídos. Não adiantou.

Dezenas de pessoas foram ouvidas e só restaram dúvidas, tantas eram as suspeitas e os desafetos.

Cléber Ferreira, o terceiro delegado a investigar o crime, entregou o inquérito à Justiça sem indiciar ninguém, quase quatro anos depois, no dia 20 de maio de 1991. E, passados outros três anos, confessou à reportagem de Zero Hora:

– Várias pessoas tinham motivo para matá-lo.

Aquele que parecia ser um crime de fácil solução tornou-se um mistério a mais na longa série de assassinatos impunes.